

## Ensinar com pesquisa 2010

Projeto: “O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais”

Bolsista: Cynthia Liz Yosimoto

Filme

### **O que é isso companheiro? (Bruno Barreto)**

Ano: 1997

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Gênero: Drama

### Resumo geral:

Sequência 01 a 07: Treinamento, assalto (ou expropriação revolucionária) e sequestro

Fernando e César são dois estudantes que, inconformados com a ditadura militar, após o AI-5, decidem pegar em armas. Juntam-se ao MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), onde conhecem mais quatro jovens, dois líderes e dois aprendizes. Ao entrarem no grupo, todos são rebatizados e aprendem a atirar. Em assalto a um banco, Oswaldo (César) é pego, vai preso e é torturado. Paulo (Fernando) dá a idéia de sequestrar o embaixador norteamericano, Burke Elbrick em troca da libertação de quinze presos políticos. Para esta missão, o grupo junta-se a Jonas e Toledo, ambos da ALN (Aliança Libertadora Nacional); o primeiro passa a chefiar a partir de então. Faz-se o sequestro.

Sequência 08 a 13: Negociação, investigações, e vitória

Feito o seqüestro, deixam carta para o governo impondo suas condições. O país assiste a notícia na televisão, inclusive o investigador Henrique, o qual trabalha para o Serviço de Informação – motivo que leva sua esposa a deixá-lo. Interroga-se o embaixador sobre os agentes da CIA e da tortura, entretanto, este não sabe de nada; encarregam-no de mandar carta à esposa certificando-lhe de que está bem. As investigações avançam, os guerrilheiros dão algumas pistas sem querer, até que se descobre o lugar onde Elbrick se encontra. Em meio a este processo, Paulo e Maria iniciam um relacionamento amoroso. É chegado o dia limite do trato com o governo, precisaria aceitá-lo até as 22h do dia 06 de Setembro de 1969, e em caso de não cumprimento, o encarregado de matar o diplomata seria aquele que estivesse no turno das 22h, segundo as ordens de Jonas. Contudo, este manipulara os horários para que Paulo ficasse encarregado da missão. O governo aceita.

Sequência 14 a 16: Libertação de 15 presos, perseguição, tortura, morte e exílio

Após virem na televisão que os presos foram libertos, levam o embaixador na saída de um jogo no Maracanã e cada um vai para um lado. Maria, enquanto esteve na casa do seqüestro recortou anúncios de jornal, sem dar fim neste, o que facilitou sua captura pelos investigadores. Paulo, desrespeitando as regras de segurança, foi visitá-la. Naquele momento, ambos foram pegos. Oito meses depois, indo para o exílio na Argélia, Maria, de cadeira de rodas, encontra Paulo, Renée, Marcão e Julio. Toledo e Jonas foram mortos.

### Personagens:

Paulo (Fernando Gabeira): estudante, personagem intelectualizado, tem papel central na questão da idéia do seqüestro e da formulação do documento ao governo; em seus turnos de vigia ao

embaixador, tenta tornar o processo o menos violento possível, conversando sobre diversos assuntos, preferindo que o diplomata não o veja do que usar capuz. Embora tenha forte impulso revolucionário, é inexperiente em relação às práticas da guerrilha, é muito sensível e ansioso – apesar de não colocar em questão a morte de Elbrick, em caso da não aceitação do trato pelos militares.

Maria: jovem, ativa, líder do MR-8, possui alguma experiência na guerrilha urbana, entretanto não é fria, teme a morte, preferindo ser presa a ter este fim. Contudo, é corajosa, não hesita diante do cumprimento dos planos.

Embaixador Elbrick: simboliza o que os EUA gostariam de parecer ser, é o protagonista do filme. Homem bom, bem humorado, cordial, sensível, equilibrado, gentil, um pouco ingênuo, calmo e, sobretudo a vítima da situação. Acredita na democracia, acha que seu país não deveria apoiar países de regimes autoritários; para ele, o homem norteamericano chegar à lua foi uma conquista para o mundo todo, e não um ato político, como apontou seu assistente na sequência 2.

Jonas: jovem, possui passado de operações arriscadas na capital paulista, membro da ALN. Personagem autoritário, violento, radical, toma a liderança da operação do seqüestro para si, e constantemente ameaça matar o companheiro que vacilar. Pensa em torturar o embaixador, ao interrogá-lo, empunha a arma em sua cabeça o tempo todo, toma decisões arbitrárias – decide que Paulo terá de matar Elbrick, caso os militares não aceitem o acordo, exatamente por incomodar-se com o jeito intelectual e humanitário de tal personagem. Ao desejar “puni-lo” por isso, torna-se alguém truculento e de má fé. Talvez seja o estereótipo do terrorista comunista presente no imaginário construído pelo regime ditatorial brasileiro.

Toledo: veterano da Guerra Civil Espanhola, defensor de causas libertárias, já um senhor, experiente, tranqüilo, e na maior parte do tempo calado.

Marcão: jovem, militante, experiente, desempenha funções importantes nas missões, porta-voz do grupo em assalto a banco, dirige os carros quando preciso. Sempre executando alguma coisa, fala pouco.

Renée: personagem bastante jovem, inexperiente, ousada, seduz o chefe da segurança do embaixador para conseguir informações, fingindo ser moça simples do interior. Embora seja corajosa, é frágil, sensível, em determinado momento liga para os pais, que parecem não se importar com a sua pessoa. Devido à falta de experiência, não possui sangue frio, apavora-se em momentos críticos.

Julio: jovem, radical, destemido, ao mesmo tempo em que quer realizar o plano, quer ser herói – pede a Jonas que seja o escolhido para matar o embaixador, em caso de não cumprimento do acordo.

Oswaldo: seminarista, muito jovem e inexperiente. Não tem coragem de atirar em um guarda ao sair do banco, acaba sendo preso e delatando seus companheiros, à base de tortura. Quer pegar em armas, mas não tem estrutura para tal. É o protótipo do jovem frágil e inexperiente, pego pelos torturadores para delatar mais facilmente seus líderes.

Arthur: jovem, estudante, a favor da democracia, contra a ditadura, no entanto, nem por isso a favor da guerrilha. Declina ao ser convidado a pegar em armas, prefere ignorar, viver sua vida de ator.

Henrique: investigador e torturador do Serviço de Informação. Tenta convencer-se de que faz a coisa certa, mas tem insônia e crises de consciência devido às torturas que pratica. Sua mulher o

abandona, após saber de sua nova função. Seu personagem é construído como uma tentativa de humanização da figura do torturador. Embora tal figura seja conhecida pelo sadismo, tenta-se justificar que só estavam fazendo seu trabalho, e que muitos sofriam ao fazê-lo.

Parceiro de trabalho de Henrique (Maurício Gonçalves): o torturador comum, sem problema de consciência, faz o que tem de ser feito. Às vezes um pouco sádico, por exemplo, na sequência 4, ao torturar Oswaldo, sabe que este é fraco e vai delatar facilmente, contudo, mesmo Henrique falando para tirar sua cabeça da água para não correrem riscos de ter um “acidente de trabalho”, prefere mantê-lo em afogamento dizendo que no máximo desmaiará.

#### Documentos, fatos ou frases históricas:

- os norteamericanos chegam à lua (00:02:21)
- documento de negociação da ALN e MR-8 ao governo (00:38:01)
- libertação dos 15 presos, que seriam exilados no México (01:22:55)
- libertação dos 40 presos, que seriam exilados na Argélia, devido ao seqüestro do embaixador alemão (01:37:18)

#### Observações:

- na sequência 1, contrapõem-se cenas da vida carioca no início dos anos 1960, ao som de Garota de Ipanema, às imagens subseqüentes de estudantes em passeata sendo reprimidos pela polícia. A letra do trecho da música selecionada foi “ah, por que estou tão sozinho, ah por que tudo é tão triste?”, parece exprimir o sentimento de desespero e solidão dos inconformados com o regime militar em meio à alienação de boa parte da juventude daquela época – o mesmo sentimento exprimido pela personagem Maria na sequência 15.

- na sequência 3, Marcão, ao apresentar Maria aos novos membros do MR8, manda que fiquem de costas pra ela, olhando para a parede. Este ritual dá um tom um pouco infantil ao ingresso no movimento, principalmente por não mostrar por quais provas tiveram que passar para poderem ver o rosto da líder.

- na sequência 6, Jonas apresenta-se como líder da operação, enfatiza-se seu autoritarismo em um discurso violento no qual diz que todos devem obedecê-lo cegamente, sem questionamentos, que não permitirá vacilações e que aquele que o fizer morrerá por suas mãos. A reação dos demais personagens é de espanto, embora contido; assustam-se, mas fingem naturalidade. Nota-se um incômodo por parte do personagem Paulo. Ainda nesta sequência, quando distribuem-se as armas, vê-se o livro de Celso Furtado “Formação econômica do Brasil” jogado por entre elas. Há outras referências às fontes ideológicas do grupo, por exemplo, na sequência 2, na casa de Paulo há um grande pôster do filme “Deus e o diabo na terra do sol” de Glauber Rocha, bem como na sequência 11, Julio entrega ao embaixador o livro “Diário de prisão de Ho Chi Minh”. A personagem Renée folheia um álbum de fotos do Woodstock na sequência 11.

- na sequência 8, Henrique, torturador do Serviço de Informação, assiste junto a sua esposa o jornal televisivo, no qual lê-se o documento dos guerrilheiros. Ao tentar explicar-lhe porque desempenha tal trabalho, justifica seus atos. Lilian questiona qual seria então o motivo da insônia do marido, já que tudo estava tão justificado, este responde que os torturados são apenas garotos cheios de sonhos. Há uma clara tentativa de humanização do torturador, que tem crises de consciência, justifica suas atitudes, mas sofre com elas.

- na sequência 9, Paulo foi encarregado de comprar pizzas, na volta encontra Arthur em frente a um

teatro, usando as roupas de um personagem da peça de Ibsen, “Casa de Bonecas”. Faz uma crítica a Paulo, apontando a proximidade da violência das atitudes de seu grupo com a dos militares, tal comentário parece trazer certo desconforto àquele.

- na sequência 11, Julio e Jonas conversam na sala. Aquele se justifica por ter votado no nome de Oswaldo para ser liberto, enquanto este responde que a escolha daquele companheiro não foi nada além de uma camaradagem pequeno-burguesa, já que havia muitos outros que não haviam vacilado e que foram deixados para trás. Em seguida revela, em segredo, que escolheria Paulo para matar o embaixador, no caso do acordo não ser aceito, porque “ele é bom de conversa, mas vai ter que provar alguma coisa além da conversa”. O posicionamento de Jonas em relação a essas duas questões é um tanto paradoxal, já que na primeira condena o voto baseado em motivos pessoais, na camaradagem pequeno-burguesa; enquanto na segunda tem a implicância pessoal de querer ver Paulo provar que possui ímpetos para além das palavras, uma atitude arbitrária, de cunho pessoal – afinal, se Paulo matasse o diplomata, saberia que o faria sofrendo, e se não matasse, Jonas poderia matar os dois. Em termos de efetividade do plano, o que importaria seria o cumprimento do acordo, portanto, seria melhor escolher alguém que certamente não vacilaria. Logo, a opção de Jonas se aproxima do posicionamento que ele mesmo acaba de condenar – só que ao invés de camaradagem, seria o oposto disso.

- ainda na sequência 11, há a leitura da carta de Elbrick a sua esposa, na qual descreve calmamente cada um dos guerrilheiros que o vigiam; pouco depois, alguém toca a campainha, Paulo se desespera e aponta a arma bruscamente para o rosto do embaixador. Passado o susto, este pede para ir ao banheiro porque sofreu uma incontinência, há toda uma dramatização da tristeza do homem que chora fragilizado no banheiro. Há uma vitimização do “soldado com a bandeira branca” (como disse Arthur na sequência 9).

- na sequência 12, os guerrilheiros conversam sobre o prazo do acordo, também sobre quem executará Elbrick caso aquele não seja cumprido. Jonas diz “**nós não somos carrascos, por isso eu não vou fazer escolhas**, a minha decisão é de que o embaixador será executado pelo companheiro que estiver com ele às 10h da noite. Será morto pelo companheiro de plantão.” Em seguida, Maria constata que o plantão das 22h era de Paulo, e que Jonas havia trocado os horários propositalmente. A fala de Jonas em negrito denuncia o que o filme faz deste personagem, um carrasco, já que ele faz o oposto do que fala.

- na sequência 14, há o reencontro de Elbrick com a esposa, possui tom melodramático, ele parece estável, tranqüilo, sóbrio, enquanto ela se debulha em lágrimas em um longo abraço.

- na sequência 15, Maria e Paulo se abraçam, ela chora devido ao sentimento de solidão e impotência em relação ao regime do país, seus esforços parecem nunca ser suficientes.

- na sequência 16, Paulo está no pau-de-arara quando Henrique vem torturá-lo. A câmera tem o ponto de vista de Paulo, que vê Henrique de cabeça pra baixo, o qual diz “o mundo virou de cabeça pra baixo, Fernando”. Henrique, na sequência 13, diz para seu parceiro de trabalho que tem o pesadelo de que o mundo está de cabeça pra baixo. Na sequência em questão, diz a mesma coisa para Paulo, que não está sonhando e está literalmente de cabeça pra baixo. Novamente, a crise de consciência do torturador que tem pesadelos com o que faz com os outros.

- durante todo filme, há diversos anacronismos. Por exemplo, a esposa de Henrique posiciona-se veemente contra a tortura, como se fosse algo extremamente conhecido e declarado, como se ao mesmo tempo a classe média não fosse contra esse “mal necessário”; na verdade, essa postura foi a que se tentou construir pela memória depois do fim do regime. Em algumas situações, ao citarem fatos e noções que foram constatados posteriormente, tem-se a impressão de que o intuito é quase

didático. Para aprofundar a discussão, vale a pena refletir mais profundamente sobre o motivo da utilização de tais anacronismos, de acordo com o posicionamento do filme, e para quem ele foi feito.

- o filme tenta manter-se apartidário, entretanto, acaba animalizando Jonas para que Henrique possa se humanizar ([http://www.franklinmartins.com.br/naestante\\_artigo.php?titulo=as-duas-morte-de-jonas](http://www.franklinmartins.com.br/naestante_artigo.php?titulo=as-duas-morte-de-jonas)).

### Sugestões para sala de aula:

#### Sequência 10:

Em primeiro plano mostra-se Elbrick, em seguida Jonas, depois Toledo. Maria e Paulo entram na sala.

*Jonas: que é que ele tá fazendo aqui? Foi combinando que o interrogatório seria feito pela direção das organizações.*

Paulo espera em plano médio perto da porta. Maria se dirige a Jonas, em primeiro plano.

*Maria: o meu inglês é ruim companheiro, a gente precisa de um intérprete.*

*Jonas (plano médio): o prisioneiro sabe falar Português, e muito bem.*

*Elbrick (primeiro plano): (em Inglês) Eu entendo Português, mas nessa situação terei de falar em Inglês.*

*Jonas (os dois em primeiro plano, Jonas de frente, Elbrick de perfil): cala essa boca. Aqui você só fala quando for perguntado, entendeu? (Jonas olha para Paulo, que se aproxima em plano médio e pára ao lado de Maria enquanto Jonas fala em over) Muito bem, seu Elbrick, eu vou falar bem devagar e o senhor não finja que não me entende. (A câmera volta para Jonas e Elbrick em primeiro plano) Quem são os homens da CIA no Brasil?*

*Elbrick responde. Paulo: ele falou que ele não tem a menor idéia, que ele trabalha num departamento de Estado, e não tem contato com a CIA.*

*Jonas (pega sua arma e encosta na cabeça do diplomata): você pensa que tá falando com algum palhaço?*

*Elbrick responde em primeiro plano, com a arma na cabeça (antes de mostrar Paulo, mostra-se Toledo em primeiro plano olhando para este). Paulo: o trabalho dele como embaixador é manter uma relação cordial com o Brasil, e ele não sabe realmente nada das atividades da CIA aqui no Brasil.*

Maria dirige-se ao embaixador, se colocando em pé ao lado deste, com o rosto enquadrado no centro em primeiro plano, com a arma de Jonas a sua direita e o tronco de Maria a sua esquerda.

*Maria: você tá querendo dizer que desconhece o fato de que militares norte-americanos dão aulas de tortura no Brasil, a militares brasileiros?*

O diplomata responde. *Paulo (em primeiro plano): ele nunca ouviu falar nisso.*

Jonas de frente, Elbrick de perfil, ambos em plano médio:

*Jonas: nós estamos perdendo tempo com esse mentiroso, na hora que ele provar a dor que os assessores militares estão distribuindo pela América Latina... ele fala (desencosta a arma da cabeça do homem).*

Elbrick, em primeiro plano, pergunta.

*Jonas: que foi que ele disse agora?*

*Paulo (com olhar aflito e voz levemente embargada): ele quer saber se ele vai ser torturado.*

Jonas olha para Toledo, que responde negativamente com a cabeça. Jonas volta a empunhar a arma contra a cabeça do embaixador.

*Jonas: não seu embaixador, não será torturado, será executado com um tiro na cabeça, caso o governo brasileiro não aceite as nossas exigências.*

Maria em primeiro plano.

*Maria: o senhor está de acordo com as posições do governo brasileiro?*

Elbrick pede que traduza e responde (plano e contra-plano de acordo com a fala de um e a tradução do outro). *Paulo: na opinião pessoal dele, o governo americano não deveria apoiar regimes que não foram eleitos democraticamente. Esses regimes criam uma estabilidade temporária, mas com o tempo eles geram ódio na população.*

Comentário/justificativa: essa sequência evidencia o autoritarismo e violência do personagem de Jonas, o papel de bom homem do embaixador e a tensão entre Paulo, o guerrilheiro-intelectual, e Jonas.

Sequência 13:

Em primeiro plano, ângulo inferior, o parceiro de Henrique observa com binóculos a casa do seqüestro. Olha para Henrique. Este, em primeiro plano e ângulo inferior, coloca um cigarro na boca e se debruça na varanda do local onde estão instalados. Em plano médio, Henrique está de frente, do lado esquerdo da tela e seu parceiro à direita, de costas.

*Parceiro: soube o que aconteceu com o Peçanha?*

*Henrique: quem?*

*Parceiro: o sargento Peçanha.*

*Henrique: não, o que?*

*Parceiro: casou com a Marta.*

*Henrique: que Marta?*

*Parceiro: aquela magrinha, ruiva.*

Henrique em primeiro plano, ângulo inferior (este enquadramento predomina pelo resto das falas).

*Henrique: quem? A terrorista?*

Parceiro em primeiro plano, ângulo inferior (este enquadramento predomina pelo resto das falas).

*Parceiro: é... ela mesmo. Casaram ontem, de papel assinado e tudo. Vão morar em Honório Gurgel.*

*Henrique: Peçanha pegou gosto pelo ofício da tortura. Acabou encontrando o prazer que nunca teve no trabalho burocrático.*

*Parceiro: Ih, Peçanha safado. A marta sempre foi a predileta dele.*

*Henrique: a gente abriu um frasco perigoso, que nunca deveria ter sido aberto (mostra-se o rosto do Parceiro, depois retorna a Henrique). As coisas fogem do controle. Você consegue dormir*

*direito?*

*Parceiro: durmo sim.*

*Henrique: eu não. Eu ando sonhando com as coisas todas de cabeça pra baixo.*

Comentário/justificativa: esta sequência evidencia a tentativa de humanização do torturador referida nas observações acima.

### Sequências:

01 – (00:00:00) Abertura

Frases de contextualização; imagens de pessoas contentes com trilha de Garota de Ipanema; cenas de passeata contra a Ditadura.

02 – (00:02:14) 20 de Julho de 1969: o homem norteamericano chega à lua; Fernando e César querem entrar para a guerrilha

03 – (00:07:19) Ingressam no MR-8: organização e aulas de tiro

04 – (00:14:25) Assalto a um banco: Oswaldo é preso e torturado. Surge a idéia do sequestro do embaixador norteamericano

05 – (00:19:55) Coleta de informações: Renée e o chefe da segurança

06 – (00:26:41) MR8 e ALN: Jonas chefiará a missão

07 – (00:30:58) O sequestro

08 – (00:40:23) Carta com as exigências vem a público

09 – (00:48:23) A notícia se espalha

10 – (00:53:44) Sexta, 05 de Setembro de 1969: nomes de quem querem libertar, início das investigações e envio de carta à esposa do embaixador

11 – (01:02:41) Envio dos nomes, investigações avançam

12 – (01:12:32) Sábado, 06 de Setembro de 1969: último dia para a aceitação do acordo

13 – (01:23:38) Investigador: crise de consciência. Paulo e o turno das 22h: governo aceita o acordo.

14 – (01:28:38) Domingo, 07 de Setembro de 1969: o acordo se cumpre mutuamente

15 – (01:38:08) Um mês depois: Maria e Paulo são capturados pela polícia

16 – (01:42:41) Tortura. Oito meses depois: Toledo e Jonas estão mortos, demais são exilados na Argélia. Frases de explicação do que houve com o embaixador e com a situação política do Brasil, até a redemocratização.